

## RESENHA

CARRARA, Paulo Sérgio, *Presbítero. Discípulo do Senhor e Pastor do Rebanho*,  
Petrópolis: Vozes 2019.

DOI: 10.57147/espacos.v31i1.902

Antônio César Seganfredo\*

O presente livro é basicamente o texto elaborado pelo autor para o 17º Encontro Nacional dos Presbíteros, acontecido em Aparecida entre 26 de abril e 02 de maio de 2018. Tal encontro, cujo tema está no título do livro – “Presbítero. Discípulo do Senhor e Pastor do Rebanho” – teve como lema o texto de At 20,28. Seu autor é o presbítero Redentorista Dr. Paulo Sérgio Carrara, atualmente Diretor Executivo do ITESP (Instituto Teológico São Paulo). O livro está dividido em três capítulos, nos quais são delineadas a teologia, a espiritualidade e a missão do presbítero.

O I Capítulo é intitulado “Quem é o presbítero?” e é motivado pela exortação de At 20,28: “O Espírito Santo vos constituiu como guardiães (*epískopoi* – ἐπίσκοποι)”. Em sua subdivisão interna o autor começa perguntando-se pelo perfil do “presbítero” em Atos 20,17-27, continua buscando individuar os elementos da práxis de Jesus – modelo para a práxis dos presbíteros – e conclui com uma breve exposição sobre os ministérios nos escritos neotestamentários. Alguns pontos desse capítulo a destacar são os que seguem: não é o indivíduo quem escolhe o carisma presbiteral, nem se trata de uma sua “propriedade privada”; trata-se, ao invés, de dom do Espírito e é compreendido apenas na dimensão da comunidade eclesial: não há presbítero sem a comunidade eclesial, à qual é chamado a servir desinteressadamente (dimensão econômica). A missão principal do presbítero é evangelizar, assim como Paulo fez, incansavelmente. Passando aos Evangelhos, é importante sublinhar que Jesus, do ponto de vista histórico, não foi sacerdote, mas leigo, pois não pertencia à tribo de Levi (“tribo sacerdotal”), nem era da descendência de Aarão. Seu sacerdócio, ao invés, foi histórico e existencial, emergindo a partir de sua práxis de serviço. Nessa linha, a figura do *Servo de YHWH*, presente nos cânticos do Dêutero-Isaías (cap. 40–55), ilumina a compreensão da práxis de Jesus, na medida em que Ele entrega a própria vida pelos outros.

---

\* Missionário scalabriniano, Doutor em Teologia Bíblica pela Pontificia Università San Tommaso d’Aquino (Roma), com especialização pela École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem. Atualmente é diretor administrativo e professor de Novo Testamento no ITESP.

A Carta aos Hebreus, não obstante, apresenta Jesus como “sacerdote”, porque ele realiza, na prática, aquilo que o sacerdócio israelita buscava, isto é, a plena reconciliação com Deus: “*Em Cristo o sacerdócio chega ao seu fim, porque Ele é a plena realização do que buscava o sacerdócio*” (pp. 26-27, citação de Taborda, *A Igreja e seus ministros*). Por fim, são abordados, em síntese, os ministérios nas primeiras comunidades. Embora a nomenclatura empregada não seja unívoca, percebe-se que desde o início houve uma pluralidade de ministérios. Dentre esses está aquele da presidência, no contexto da Igreja local. Aqui o autor aproveita a deixa para trabalhar o significado e a relação entre o sacerdócio dos fiéis, pelo Batismo, e o sacerdócio ordenado, ambos participação no único sacerdócio de Jesus Cristo. Ao final do capítulo, mais uma vez Carrara sublinha que a missão primeira do presbítero é evangelizar, e não apenas presidir a Eucaristia. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II superou o Concílio de Trento, que definia o sacerdócio apenas em relação ao sacrifício eucarístico.

Passando ao II Capítulo, que trata da “Espiritualidade do Presbítero”, tendo como *leitmotif* a exortação “Cuidai de vós mesmos” (At 20,28), Carrara escolhe tratar longamente o tema do *sofrimento psíquico dos presbíteros*, que desemboca na chamada *Síndrome de Burnout*. O psicanalista Willian Castilho C. Pereira – que aliás assina o prefácio deste livro – tem-na definido, no caso dos presbíteros, *Síndrome do Bom Samaritano Desiludido por Compaixão*. A análise é muito rica, pois aponta seja as causas seja as consequências para a vida do presbítero. “Na origem da síndrome [é evidenciado] se encontram as mudanças socioculturais e históricas na vida da Igreja e na sua organização hierárquica” (p. 41); trata-se, em palavras simples, da passagem do regime de “cristandade” para uma situação de predominante “secularização”. Entre as causas da Síndrome referida estão possíveis decepções que atingem a vida do presbítero, seja com a instituição, seja com a comunidade. Diante da pergunta “o que fazer com as decepções?”, já procurando oferecer luzes ao como lidar com a *Síndrome de Burnout*, o autor propõe nem o fugir, nem a limitar-se a analisar as causas, mas a escolher o caminho do “aceitá-las, vivê-las e sofrê-las [...] perdoando suas causas” (pp. 43-44). É significativa, nesse sentido, a citação que faz de São João da Cruz: “Quando tiveres algum aborrecimento ou desgosto, lembra-te de Cristo crucificado e cala-te”. E com isso Carrara passa a tratar do tema da espiritualidade, a qual, segundo ele, é o modo

principal e fundamental para que o presbítero cultive o significado do seu ministério. Destarte, ele aconselha que a oração pessoal diária nunca seja abandonada, e que o presbítero tenha pelo uma pessoa com afinidade espiritual com a qual possa partilhar francamente a sua vida, “inclusive os próprios abismos, as tentações, possíveis desvios e condutas equivocadas” (p. 47, citação de Greshake, *Ser sacerdote hoy*). Carrara é prudente, no entanto, ao mencionar também a busca, em caso de necessidade, de um profissional na área da psicologia.

Se o tema da espiritualidade já foi introduzido, continua a ser aprofundado nos pontos seguintes, dedicados ao lugar da espiritualidade na vida cristã e da oração na vida do presbítero. É digno de nota que o autor fale de “espiritualidade na vida cristã”; de fato, antes o presbítero é cristão, depois é presbítero. A espiritualidade, outrossim, também está na base da reflexão sobre a fé, isto é, a reflexão teológica, sem a qual ela se torna um mero “discurso hermenêutico-categorial sobre Deus” (p. 50), e aqui são citadas as opiniões de grandes teólogos como Balthasar e Ratzinger. Não deixei de recordar-me, segundo minha sensibilidade pessoal, do lema de São Domingos de Gusmão que me é caro – cunhado por São Tomás de Aquino (*Summa Theologiae*, IIa-IIae, q. 188, art. 6) – e que está na base do carisma dominicano: *contempe et contemplata aliis tradere*, cujo significado é *contemplar e dar aos outros o fruto da contemplação, isto é, o contemplado*.

Se a espiritualidade deve estar na base da reflexão, o autor trata, conseqüentemente, da oração na vida do presbítero. É essa, de fato, que o leva a aderir, apropriar-se e engajar-se naquilo que o seu ministério significa. Carrara fala do passar do *assenso racional ao assenso real*; em outras palavras, do “fazer coincidir a nossa função (ministério) com o nosso ser (o que somos)” (p. 55). Uma outra dimensão da oração do presbítero a ser notada é a sua dimensão de intercessão, em relação à qual é lembrado o dever de rezar a *liturgia das horas*. Por outro lado, um erro a ser evitado é a identificação da oração com a ação pastoral (a missão), cujo corolário seria considerar que o presbítero, no seu trabalho pastoral, já estaria rezando, sem a necessidade, portanto, do encontro pessoal com Deus na oração. Por outro lado, Carrara nota, com Greshake, que a comunidade tem direito a um presbítero que seja *perito em espiritualidade*, pois assim ele será solidário, modelo e intercessor. Não quero deixar de

notar que o autor, nas pp. 59-70, apresenta como modelo a oração Dom Hélder Câmara. Aliás, cada um dos três capítulos começa com uma citação dele, de modo que se depreende que o bispo cearense é apresentado como modelo de presbítero. Em seguida, ainda antes de trabalhar o tema da pastoral presbiteral, com o qual conclui o II capítulo, o autor sublinha a importância de Maria na vida do presbítero.

A pastoral presbiteral é apresentada como a promoção da formação permanente dos presbíteros, nas dimensões teológica, pastoral e psicológico-afetiva. Aqui, na minha opinião, encontra-se um dos pontos mais significativos ilustrados pelo lema do capítulo: “Cuidai de vós mesmos”. Se normalmente o presbítero, na sua ação pastoral, cuida dos outros, na pastoral presbiteral é chamado a cuidar de si mesmo. O autor nota, outrossim, que a formação permanente é fundamental para que o presbítero seja competente na atuação do seu ministério.

No III e último capítulo é tratado o tema da missão do presbítero, que está bem claro já na pergunta presente no título: “Qual a missão do presbítero?”, iluminado também aqui por At 20,28: “Cuidai de todo o rebanho”. O autor começa apresentando o presbítero como *bom pastor*, a partir da conhecida teologia de Jo 10, na qual é bem evidenciado que o verdadeiro bom pastor é Jesus – o *pastor belo*, conforme lemos no original grego. Um risco muito presente para os presbíteros atuais é viver o pastoreio no sentido na “boa gestão”, concentrando seu tempo e energia na burocracia. Por outro lado, o presbítero corre também o risco que as suas próprias dificuldades, dentre as quais o próprio temperamento, descontentamentos e frustrações, tornem as relações interpessoais difíceis e conflituosas. Com Kasper (*Servidores da Igreja. Existência sacerdotal, serviço sacerdotal*) Carrara sublinha três traços importantes do *bom pastor*, a saber, o não se limitar ao próprio grupo de fiéis, o não privilegiar apenas uma parcela (talvez a mais rica e privilegiada), por fim, o não buscar apascentar apenas a si mesmo.

Em seguida, são tratados outros temas fundamentais da missão presbiteral, pontuados com intuições provenientes da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, do Papa Francisco (2013). O primeiro desses temas é a evangelização. Retomando quanto já evidenciado no I capítulo, mais uma vez é sublinhado que a missão primeira do presbítero é evangelizar, na medida em que o anúncio do Evangelho do Reino resume a missão confiada por Jesus aos seus discípulos (o autor cita vários textos dos Sinóticos).

A partir da base bíblica, é citada a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (1975), de Paulo VI, na qual o princípio é exposto em modo lapidar: “Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja” (nº 14). Entre os aspectos que colaboram com a credibilidade do anúncio do presbítero está o seu modo sóbrio de viver e morar, sua opção preferencial pelos pobres, entendida no sentido dos que sofrem necessidades físicas e espirituais. Nessa linha, Carrara não deixa de notar a tradição da Igreja latino-americana, expressa sobretudo nas suas assembleias gerais. De fato, sem uma sensibilidade e ação concreta, mirada à realidade concreta das pessoas, a evangelização permanece abstrata e sem conteúdo.

Sempre tratando o tema do presbítero e a evangelização, é abordada muito bem a valorização dos leigos na evangelização e, como corolário, a chaga do clericalismo, bem resumido na observação do Papa Francisco: “o clericalismo é a caricatura do ministério presbiteral, porque, ao invés de servir, o presbítero se faz servir, buscando vantagens pessoais no seu trabalho, pondo-se acima dos leigos e se sentindo membro de uma casta sacerdotal separado do povo de Deus” (p. 81). O autor aborda ainda ao tema da homilia. Se essa precisa ser veículo para comunicar a síntese da mensagem evangélica, corre o risco, no entanto, de deslizar na doutrinação, no moralismo ou no academicismo (prefiro essa palavra à “na exegese”, utilizada pelo autor).

No ponto seguinte Carrara aborda o desafio da superação do excesso de subjetivismo, próprio da pós-modernidade. Essa dimensão pode atingir também o presbítero, mas sobretudo a comunidade. Nesse sentido ele, como bom pastor, é chamado a promover a comunhão fraterna na comunidade eclesial. Carrara é muito feliz, nesse ponto, ao apontar que o cristianismo, transmitido como herança cultural, perdeu a sua força, na medida em que a cultura deixou de ser transmissora da fé cristã; nosso contexto, de fato, tornou-se secularizado, pluralista e plurirreligioso. O desafio para a evangelização que decorre está em criar condições para que a pessoa chegue à adesão pessoal e madura da fé.

Encaminhando-se para a conclusão, o autor aborda dois aspectos fundamentais da missão presbiteral, a saber, a Eucaristia e o serviço da misericórdia (sobretudo a Penitência). Quanto à Eucaristia, são rememorados os princípios da Constituição

dogmática *Sacrosanctum Concilium* (Vaticano II – 1963). Na medida em que o presbítero se apropriar deles ajudará sempre mais a comunidade a uma participação na Eucaristia “consciente, ativa e frutuosa” (cf. o nº 11 da Constituição). O contrário disso leva o presbítero a assumir ou a permitir práticas que distanciam a celebração do seu significado, tornando-a uma *paródia*, que é parecida com o original, mas com sentidos diferentes. O presbítero, ao invés é chamado a introduzir os fiéis no significado profundo da Eucaristia através de uma ação mistagógica, que os leve a perceber o sentido profundo e a beleza do mistério eucarístico. No que se refere ao serviço da misericórdia, Carrara apresenta brevemente os fundamentos bíblicos, no AT, na práxis de Jesus e das primeiras comunidades, para chegar à celebração atual do sacramento da Reconciliação, através do qual a misericórdia é particularmente celebrada. O presbítero é chamado a assumir uma atitude de empatia para com o fiel que o procura; esse, amiúde, além do perdão busca também ser escutado e aconselhado. Nesse sentido o autor propõe, como bom Redentorista que é, os ensinamentos de Santo Afonso Maria de Ligório, padroeiro dos confessores e moralistas, que ensina que o confessor é pai, médico, mestre e juiz (cada um desses aspectos é declinado). Para tanto, é necessária que o confessor tenha primeiramente a competência oferecida pela teologia, mas também um razoável conhecimento em psicologia. De um modo geral Carrara recorre bastante aos ensinamentos do Papa Francisco. Dentre eles, é particularmente sublinhada a indicação a julgar os atos objetivos, mas não a responsabilidade e a culpa, a ser interpretada no seguinte modo: “não se trata de negar a objetividade dos princípios da moral, mas reconhecer que situações que não dependem da vontade da pessoa dificultam e obstaculizam a prática dos princípios” (p. 106). E mais uma vez o autor apela a Santo Afonso, que diferencia o *pecado material* do *pecado formal*. Enquanto o primeiro se refere à materialidade do ato em relação à lei, o segundo tem a ver com a consciência da pessoa, de modo que a gravidade de um ato está intrinsecamente ligada à sua real liberdade e assimilação que a consciência faz da norma objetiva. Dessa distinção brota uma atitude de misericórdia!

A leitura desse “pequeno grande livro” é certamente aconselhável para todos os presbíteros. Com a sua leitura poderão compreender melhor o próprio ministério, seu significado, beleza e desafios. Essa foi a minha percepção, enquanto presbítero, ao ler o

livro. Dito isso, gostaria de tecer algumas breves considerações, que não diminuam em nada o valor do livro. Trata-se apenas de possíveis sugestões para uma próxima edição. Primeiro, penso que o primeiro capítulo poderia ser ainda mais rico ao abordar o tema do presbítero segundo At 20,17-37 (o v. 20, lembremos, foi escolhido para o lema do Congresso), com a ajuda de comentários mais especializados, tais como, por exemplo, aqueles de Barrett, Fitzmyer, Schneider e Marguerat, todos disponíveis em outras línguas. É de lamentar, diga-se de passagem, que no mercado editorial brasileiro nenhum comentário exegético profundo e completo aos Atos dos apóstolos seja disponibilizado, pelo menos segundo o meu conhecimento. Para o tema da diversidade e evolução dos ministérios nas primeiras comunidades, segundo os escritos neotestamentários, o livro poderia ser ainda mais enriquecido com o recurso à obra de Antônio José de Almeida, intitulado “O Ministério dos Presbíteros”, que oferece uma compreensão mais especializada sobre o tema, sobretudo nas Cartas Pastorais. Aliás, talvez essa obra mereça uma nova edição por parte da Editora Paulus. Quero sublinhar, por fim, o tema das decepções na vida do presbítero, presente no II capítulo (pp. 44-46), que é uma das causas da *Síndrome de Burnout*. Carrara oferece algumas luzes, especialmente citando a atitude de alguns santos. Sugiro que esse tema, em uma próxima edição, seja ulteriormente enriquecido, de modo a lançar ainda mais luzes que ajudem o presbítero nessa que é uma das “noites mais escuras” que podem atingi-lo, em sua pessoa e em seu ministério presbiteral. Feitas essas três breves considerações, não me resta que parabenizar o autor pela ajuda que oferece a todos os presbíteros com esse precioso livro.